

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
CAPÍTULO 2	7
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
CAPÍTULO 3	18
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
CAPÍTULO 4	28
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
CAPÍTULO 5	38
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
CAPÍTULO 6	47
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
CAPÍTULO 7	62
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

CAPÍTULO 8	74
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9201926048	
CAPÍTULO 9	85
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9201926049	
CAPÍTULO 10	90
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
DOI 10.22533/at.ed.92019260410	
CAPÍTULO 11	104
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.92019260411	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260412	
CAPÍTULO 13	123
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.92019260413	
CAPÍTULO 14	129
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260414	

CAPÍTULO 15	141
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
CAPÍTULO 16	152
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
CAPÍTULO 17	166
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa	
Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
CAPÍTULO 18	173
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
CAPÍTULO 19	190
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
CAPÍTULO 20	197
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho	
Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
CAPÍTULO 21	210
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
CAPÍTULO 22	225
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

CAPÍTULO 23	231
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
CAPÍTULO 24	242
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
CAPÍTULO 25	258
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breenda Karolainy Penha Siqueira Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
CAPÍTULO 26	270
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel Nádia Laguárdia de Lima Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
CAPÍTULO 27	286
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
CAPÍTULO 28	298
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa Walquirene Nunes Sales Driene N. Silva Sampaio Amanda C. Ribeiro Costa Gláucia C. Silva-Oliveira Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
CAPÍTULO 29	310
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	

CAPÍTULO 30 317

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.92019260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”

Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco

Instituto Federal do Paraná - Campus Paranaguá,
Licencianda em Ciências Sociais. Paranaguá/ PR.

Cíntia de Souza Batista Tortato

Instituto Federal do Paraná - Campus Paranaguá,
Área de Ciências Humanas. Paranaguá/ PR.

RESUMO: Esse trabalho se caracteriza por um relato de experiência sobre uma exposição fotográfica apresentada no Instituto Federal do Paraná, Campus Paranaguá e seus desdobramentos. A exposição fotográfica conceitual “Mulheres Extraordinárias - fragmentos de luta e superação”, foi uma ação de extensão relacionada ao evento anual Mulheres e Direitos Humanos e resultou numa intervenção artística e social, cujo objetivo foi proporcionar a participação da comunidade interna e externa à instituição em torno da problemática que envolve as formas de violência psicológica contra as mulheres. Mulheres Extraordinárias parte de um desdobramento do projeto de iniciação científica: “Cicatrices Invisíveis: uma etnografia da violência psicológica contra a mulher no município de Paranaguá-PR”. O trabalho suscitou importantes reflexões tanto por quem participou da realização como pelos/as espectadores/as, extrapolou os muros da instituição e foi apresentado em outros espaços de educação e cultura da cidade de Paranaguá.

Entre os resultados, além da repercussão dentro e fora do campus de origem, a experiência foi premiada em um importante evento científico do IFPR.

INTRODUÇÃO

O Seguinte relato de experiência trata da Exposição Fotográfica conceitual “Mulheres Extraordinárias - fragmentos de luta e superação”, com o objetivo de descrever os procedimentos, impressões, limites e resultados dessa ação de extensão, que resultou numa intervenção artística e social, procurando trazer sempre que possível, uma reflexão acerca dos mesmos. Mulheres Extraordinárias parte de um desdobramento do projeto de iniciação científica: “Cicatrices Invisíveis: uma etnografia da violência psicológica contra a mulher no município de Paranaguá-PR” inicialmente desenvolvida pelo Núcleo de Estudos em Arte, Literatura, Museologia e Antropologia (ALMA) do Instituto Federal do Paraná.

Inaugurada no Campus Paranaguá, do IFPR, durante a III Semana Internacional da Mulher e Direitos Humanos, a exposição aconteceu em março de 2018. Faz-se necessário destacar que tanto os/as estudantes e funcionários/as da instituição, quanto a comunidade externa, puderam ter acesso

às fotografias, uma vez que o evento incorporou uma série de debates, oficinas e mostras artísticas gratuitas de acesso à comunidade interna e externa ao campus. Sendo assim, conforme a exposição foi gerando repercussão e ganhando visibilidade na cidade, houve convites para expor a mesma em outros espaços culturais e de educação no litoral, que, conseqüentemente, resultou em alguns desdobramentos do projeto, cujos quais posteriormente serão apresentados.

A proposta de construir uma intervenção artística como ação de extensão da pesquisa de iniciação científica foi pensada como também como um posicionamento político. Visto que os saberes construídos e compartilhados por meio de artigos, ensaios e outros formatos de escrita acadêmica acabam muitas vezes não saindo dos muros da academia (por possuir uma linguagem academicista e circular num meio limitado, concentrando-se num grupo que detém um capital social, cultural e econômico específico), as fotografias foram entendidas como recurso e estratégia para transmitir uma mensagem de conscientização acerca da violência psicológica contra a mulher. As imagens ofereceram reflexões de maneira acessível e sensível a toda a comunidade que poderia ter acesso a ela, independente do grau de escolarização, faixa etária ou contexto social e econômico em que a mesma estava inserida. “A fotografia deve ser política e poética” (CASCO, 2016), é partindo dessa premissa, que a exposição buscou concentrar elementos que trouxessem reflexão por meio de um quadro fotográfico multifacetado de denúncias, esclarecimentos e sensibilizações que tiveram por objetivo abrir espaço para que o público pudesse identificar o que estava sendo ilustrado com clareza, e percebesse as conexões com a realidade que se apresenta.

Nesse ensaio fotográfico, as cicatrizes invisíveis expressadas pelos olhares, gestos e expressões corporais, contavam a história da mulher que vive ou carrega dentro de si, marcas de agressões. Nesse sentido, destaca-se um trecho de fala da curadora da exposição, Adriana Alves:

A dicotomia da dor e da beleza, do horror e da sutileza, do preto e branco com o colorido, da fragilidade e da robustez, da sanidade e da loucura, do poder e da submissão, do tempo que passa e do tempo que para, de renúncia e de denúncia. Dicotomia esta que por vezes se opõem e que por momentos se complementam. A “Exposição Mulheres Extraordinárias – Fragmentos de Luta e Superação” se coloca nesta miríade de possibilidades e traz à tona através do silêncio ecoar das suas imagens, a voz de quem grita e pede por cuidado e socorro, mas essas mesmas mulheres que por hora manifestam sua profunda vulnerabilidade também são as mesmas que detém o poder e a autonomia de romper com centenas de anos de patriarcado que infligiram e ainda infligem marcas profundas em seus corpos e em sua psique.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

A violência não pode ser definida fora dos contexto que se quer abordar, ela é multifacetada, complexa, tem aspectos objetivos e subjetivos, uma das constantes

dessa problemática é o reconhecimento de que há, invariavelmente, uma relação de forças onde existe um desequilíbrio e/ou abuso de poder. Para que seja possível a compreensão especificamente acerca da violência de gênero, é preciso considerar que a mesma não resulta de um ato isolado, mas sim de uma estrutura histórica e social complexa que inclui fatores culturais, hierárquicos, econômicos, étnico-raciais, institucionais e familiares. Por conseguinte, o sistema patriarcal sustenta essa desigualdade de gênero essencialmente por meio do exercício do controle social masculino sob a mulher. Segundo Koller (1999), citado por Martha Giudice Narvaz (2005, p. 38-48) “conviver com a violência imposta pela socialização desigual e sexista de gênero desde tenra idade faz com que as práticas abusivas sejam naturalizadas e banalizadas.”

Bourdieu (1998) sugere que quando os pensamentos estabelecem uma relação de conforto em decorrência das estruturas que impõe uma relação de dominação, seus atos de conhecimento e reconhecimento são, inevitavelmente, de submissão. Sendo assim, adotou-se o conceito de violência simbólica do autor como parte do resultado dessa dominação masculina, onde se reproduz uma série de violências identificadas como “uma violência suave, sensível e invisível as suas próprias vítimas” (BOURDIEU, 1998, p. 07)

O fato de equivocadamente a violência contra a mulher ser, no inconsciente popular, diretamente assimilada a uma violência física, direcionou esses estudos e essa mostra fotográfica à abordar especificamente a violência psicológica contra a mulher, como uma maneira de trazer visibilidade a uma das tantas outras formas de violência de gênero, que embora possa ser descrita como sutil e silenciosa, traz consequências nas mesmas proporções, ou até mesmo maiores, que a violência física.

Não obstante os danos à autoestima, desenvolvimento intrapessoal da mulher e da sua autonomia, esse tipo de violência pode levá-la a gerar conflitos de identidade tão significativos que há a possibilidade de, nos casos mais graves, levar a pessoa a provocar suicídio ou outro tipo de violência contra si mesma.

Há inúmeros fatores sociais e afetivos que naturalizam e legitimam atos de violência psicológica contra a mulher, por conseguinte, fora conquistada, pelas lutas e denúncias do movimento feminista, jurisprudência e os Direitos Humanos, a caracterização da violência psicológica prevista na “Lei Maria da Penha”(LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006.) explicitada no Art. 7º :

“São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: (...) II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.”

METODOLOGIA DO PROJETO

Como inspiração, cita-se o improvisado trocadilho feito por um professor de Letras: “o pesquisador pesquisa a sua dor”. Não raro, essa exposição deriva de experiências pessoais, que motivaram e permanecem trazendo inspiração e força para seguir a luta (acadêmica, social e jurídica) no combate às violências de gênero, pois protagonizar esse debate é dar voz à essas mulheres. Dessa forma, o presente relato percebe a educação, arte e intervenção social como instrumentos de conscientização e combate à violência contra a mulher. Porém, é indubitavelmente delicado pensar em expressar artisticamente um tema como esse, uma vez que essas agressões são tão subjetivas e pessoais, e é por esse motivo que houve inúmeras preocupações e cuidados, visto que o projeto envolve diretamente a história de vida e vulnerabilidade emocional de várias mulheres, e que elas poderiam a qualquer momento, reviver de maneira desconfortável as situações que provocaram suas cicatrizes, despertando gatilhos emocionais e expondo-as de maneira tão íntima. Ou seja, pensando que não haveria condições de fazer um acompanhamento psicológico com as participantes do projeto (embora fosse o ideal) por falta de profissionais que pudessem contribuir nessa área, alguns dos objetivos idealizados inicialmente, como a produção de um documentário com a história de vida e superação da violência sofrida por cada uma delas, não seguiu adiante, para que gatilhos emocionais não fossem despertados sem o auxílio de profissionais da área para lidar de maneira adequada com esse tipo de situação.

Partindo desses princípios norteadores, a mostra fotográfica fora construída a partir de sete momentos principais, sendo eles:

- Pesquisa bibliográfica e discussão de idéias com o primeiro esboço do que mais tarde viria a compor o corpo e escrita do projeto;
- Reflexão e discussão das estratégias que seriam utilizadas para desenvolver o projeto de maneira que fosse envolver e representar a máxima pluralidade de mulheres (cis e trans) possível;
- Divulgação da proposta do projeto concentrada em três principais redes sociais: *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*, convidando as mulheres da cidade e regiões próximas para participar e envolver-se na Mostra Fotográfica, tanto ao personificar essas violências, quando para fotografar, filmar e ajudar a tecer o processo criativo; (Embora as mídias sociais tenham um público bastante restrito, foi feito apelo para que os internautas que tiveram acesso ao material de divulgação compartilhassem o projeto para pessoas que não tinham acesso às redes sociais e poderiam ter interesse em contribuir.)
- Conversa particular com cada uma dessas mulheres que se dispuseram a participar do projeto e se voluntariaram, e estabelecimento de um diálogo entre os objetivos da ação de extensão, e a sua relação pessoal com o tema, de modo a instrumentalizá-las com algumas leituras para melhor compreensão do assunto. Os materiais divulgados, em suma, concentravam-se em documentos oficiais, como os da OMS (Organização Mundial da Saúde) e alguns materiais didáticos e interativos, como as multimídias do Instituto

Avon na campanha “Quando existe voz” contra a violência doméstica, que aborda a violência psicológica contra a mulher;

- Criação um grupo no WhatsApp (depois da confirmação de que todas as participantes tinham acesso) para que elas por fim pudessem conhecer as demais integrantes do projeto e trocar algumas experiências caso se sentissem à vontade para isso.
- Depois de três semanas com o grupo de WhatsApp ativo e interações diárias, foi marcada a data para produção das fotografias. (Importante mencionar que não havia uma previsão inicial de quanto seria o momento adequado para o encontro, apenas que ele aconteceria no momento em que elas estivessem confortáveis umas com as outras, e minimamente, tivessem construído um laço de apoio e solidariedade). Esse momento fora dividido em duas ações, sendo uma na parte da manhã, e outra durante a tarde/noite: a) Foi realizada uma roda de conversa na parte da manhã com o objetivo de apresentar com mais detalhes a pesquisa científica, a ação de extensão e enfatizar a importância do tema com alguns dados da Organização Mundial da Saúde sobre os índices de mulheres brasileiras vítimas desse tipo de violência. Adiante, foram compartilhados alguns vídeos da campanha do Instituto Avon, divulgados anteriormente no grupo, que abordam a temática. Posteriormente, todas puderam compartilhar o que as motivou a fazer parte do projeto, quais suas expectativas e como estavam se sentindo até o momento com a experiência adquirida, antes das fotografias. Nesse último momento, algumas mulheres se emocionaram, e, tanto prestaram, quanto receberam, apoio umas das outras antes de encerrar a roda de conversa. b) No período da tarde, foi colocado em uma mesa longa, alguns objetos como cordas, correntes, tecidos e tintas, que poderiam ser utilizados durante a composição das fotografias. Havia sido avisado previamente que seria usado esse tipo de material como uma possibilidade para compor as fotografias, então, após elas se dirigirem à mesa e escolherem os objetos que melhor acreditavam representar a violência psicológica que iriam representar, consultaram umas às outras para compreender o significado que tinha cada objeto dentro da percepção *do outro* e a percepção do mesmo para quem o escolheu. Adiante, as dez voluntárias dividiram-se em três pequenos grupos para discutir a melhor maneira de representar os sentimentos vividos. Paralelamente, a fotógrafa registrava a cena, buscando capturar, de maneira espontânea, todos esses processos.

A MOSTRA FOTOGRÁFICA E PERCEPÇÕES

Muitas pessoas acabaram envolvendo-se com a exposição. Adiante destaca-se a fala do estagiário de comunicação do campus, que trabalhou no processo de divulgação:

(...)fiquei extremamente comovido com a exposição, algumas das mulheres que participaram são minhas amigas e pude ver expressar por meio desses registros outra perspectiva do que é ser mulher e viver tais violências no dia a dia, que até não eram perceptíveis. Essa exposição toca todos que se permitem refletir sobre as fotos, te faz sentir impactado com a clareza dos abusos sofridos, te faz sentir incomodado por saber a covardia que alguns homens possuem e te faz questionar

vários “tabus” que ainda possuímos na sociedade que por vezes colocam as mulheres como objetos, submissas, e que podem ser moldadas a agir da forma como o homem quiser e atender exclusivamente às suas necessidades. Todavia o principal sentimento que me transbordou foi a esperança, por ver a coragem delas de não se calar diante desses abusos, de conseguirem representar com muita delicadeza os atos que tanto as oprimem. O campus ganhou muito mais que uma exposição, mas sim uma grande ferramenta de reflexão e aprendizado a todos que dedicar um olhar a ela.

A ação foi pensada e realizada única e exclusivamente por mulheres que se voluntariaram e se entregaram, de corpo e alma, a cada detalhe que compõe a execução da mesma. Sendo ela idealizada e dirigida por quem agora o escreve, e fotografado pela artista Laila Rejan Matias (que já participou de diversas ações voluntárias na cidade de Paranaguá), e outras dez mulheres que participaram do processo criativo, execução e curadoria da exposição, residentes na cidade de Paranaguá e litoral.

Na data de inauguração, o público presente se fez bastante diversificado - homens e mulheres universitários/as, professores/as, funcionários/as da instituição e comunidade externa. Fora observado que os homens, na maior parte do tempo, estavam consideravelmente mais distantes das fotografias em relação às mulheres, que passavam longos minutos percorrendo com o olhar cada detalhe contido nelas. Algumas mulheres fotografaram a imagem, tocaram-na, fizeram pequenos comentários através de cochichos com outras colegas que estavam acompanhando-a, demonstraram estar emocionadas, e expressivamente, faziam questão de manter o silêncio. Em contrapartida, nesse mesmo dia, as lágrimas contidas nos olhos de um jovem, que solicitou ser aqui referido pelo nome fictício Chistopher, denunciavam uma possível identificação em sua trajetória pessoal, com o que estava sendo mostrado. Confirmou-se a suspeita quando o mesmo se dirigiu a página do projeto no *Facebook* - Cicatrizes Invisíveis, uma semana depois, para compartilhar o sentimento provocado pelas mesmas no momento em que esteve diante delas:

À primeira vista eu me senti encantado pelas cores e pelas expressões, é um trabalho de uma beleza e expressão artística que comove qualquer um... principalmente alguém que já viveu isso em casa. Mas, quanto mais eu olhava para elas, mais despertaram em mim sentimentos como de aflição, medo, dor, solidão. Senti vontade de chorar ali mesmo, pois revivi por alguns minutos o medo da criança que assiste a violência doméstica e sente não poder fazer nada para ajudar a sua mãe, suas irmãs e a si mesmo. Aliás, só de pensar em contar como me senti, já consigo reviver o momento. É um trabalho lindo sem dúvidas, dá para sentir a seriedade com que abordaram o tema. Acho importante dizer que por mais que eu saiba que é sobre violência psicológica contra a mulher, quem vive esse tipo de violência em casa sabe o quanto presenciar isso traz danos emocionais para toda a família. E por isso eu vejo este trabalho como uma ferramenta de denúncia para identificarmos outras formas de violência, não somente a violência física, e poder fazer algo para que a situação não se agrave. E eu como homem me sinto no dever de repassar essa mensagem, pois tenho consciência que a violência doméstica, os relacionamentos abusivos e a violência psicológica é em grande maioria provocada por homens.

Três dias após a inauguração da exposição, quatro estudantes mulheres com idade entre 17 e 30 anos procuraram a organização para conversar sobre suas

vivências atuais em relacionamentos abusivos e relataram ser vítimas de violência psicológica e assédio moral tanto dentro da esfera privada, quanto pública, citando inclusive, num dos casos, a própria instituição de ensino.

No perfil pessoal da organizadora, no *Facebook*, algumas mensagens de estudantes que prestigiaram a exposição foram recebidas, e também das próprias voluntárias que participaram diretamente do ensaio fotográfico. Destaca-se abaixo um trecho das percepções compartilhadas pela estudante do curso Licenciatura em Ciências Sociais, aqui referida como “Anis” (conforme a mesma preferiu identificar-se), que traz a importância de expor essas fotografias num ambiente acadêmico.

(...) interessante como a fotografia consegue captar os sentimentos, muitas vezes presos, na alma das pessoas; eu, como mulher que também passa por situações expressadas através das imagens, pude me colocar naquelas situações e perceber como somos atingidas por algum tipo de violência simbólica a todo tempo. Mais que um autorretrato pessoal, trata-se de um autorretrato da sociedade, que muitas vezes já nem percebe o quão natural tudo isso se tornou, portanto expor essas imagens em ambiente acadêmico, em minha opinião, é trazer novamente uma reflexão não deveria (porque é o que parece) ter cessado, fazendo com que o indivíduo ao se deparar com as fotografias, pudesse de forma única e particular se sensibilizar com a própria dor e com a dor do outro

Assim que a exposição fora montada, num momento que antecede a inauguração, reuniram-se todas as participantes para contemplar o trabalho final e trocar experiências acerca do processo, tanto físico com as fotografias, quanto emocional. Foram feitas perguntas como “de que maneira a exposição contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal?”, “como você/s se sentem ao vê-las, no resultado final, incorporando essas violências?”, onde as voluntárias, agora se sentindo mais íntimas, não somente umas com as outras, mas também com o projeto, puderam expressar seus sentimentos e a maneira como relacionam essa nova experiência com a sua trajetória pessoal. A voluntária de 25 anos, que aqui prefere identificar-se como Clarice, emocionou as presentes ao usar o termo “resignificar cicatrizes”, visto que havia compartilhado anteriormente algumas experiências pessoais dolorosas que marcaram-na profundamente. A mesma relatou que quis fazer parte do projeto porque se identificou com ele, e encontrou ali uma oportunidade de conscientizar outras mulheres que poderiam ter passado, ou estar passando, por algo semelhante:

Decidi fazer parte do projeto porque me identifico com ele, dentro de mim carrego cicatrizes de longos anos nessa trajetória de vida marcada por lutas e superação... Algo que me marcou muito, foi o dia em que fomos fazer as fotografias, onde antes de iniciar, a idealizadora do projeto fez uma roda de conversa sobre o assunto e reforçou a intenção do projeto. Aquilo me tocou! Foi como se eu tivesse levado um choque, pois ao ouvir outras histórias de outras mulheres, comecei a lembrar tudo o que tinha vivido até ali: estupro, violência psicológica e meus relacionamentos amorosos conflituosos. Logo pude perceber o quão fortes todas nós somos, porque estávamos, naquele momento, resignificando essas cicatrizes que carregamos na alma. No dia da exposição, quando me vi representando esse tipo de violência, depois de todos os processos para enfim estar em contato direto com o público, me emocionei. Elas pareciam gritar, meu olhar denunciava o meu sofrimento a cada imagem retratada: a vida de quem sente-se sufocado pela depressão e cercado de medicamentos para contê-la ou amenizar os efeitos dela. Dentro de mim carrego

a sensação de que mesmo que a sociedade se sinta sensibilizada ao refletir sobre o tema, poucos sabem que para além daquela situação de vulnerabilidade, existe de fato, dentro de si, uma mulher igualmente forte, guerreira e extraordinária. Por isso vejo significativamente a importância desse projeto, que para além de expor a violência, evidenciam a luta constante de quem vive ou viveu em algum momento da vida, uma violência psicológica. Sinto que participar do projeto foi uma forma de me perceber como uma mulher ainda mais forte, e perceber a real importância de ajudarmos umas às outras que passam por situações do tipo e muitas vezes não sabem que estão sendo vítimas, ou ainda quando sabem, não são orientadas de como denunciar esse tipo de violência.

DESDOBRAMENTOS DA MOSTRA FOTOGRÁFICA NO IFPR:

No momento em que a exposição fora retirada do espaço cedido pelo IFPR, ao atualizar a página do projeto no *Facebook*, encontrou-se um novo convite para expor a mostra. A Casa Cultural Prelúdio convidou a exposição “Mulheres Extraordinárias: Fragmentos de Luta e Superação” para expor num evento cultural feminista, onde a Casa teve por objetivo nesse dia, como um meio de resistência, trazer atividades que contemplem algumas pautas feministas, de artistas mulheres locais para expor suas artes e debates sobre as questões contemporâneas das diversas vertentes do feminismo.

Paralelo ao convite recebido pela Casa Cultural Prelúdio, fora recebido também um convite para expor, ainda no mês de março, a mostra fotográfica na Biblioteca Pública Mario Lobo, em Paranaguá. Nesse caso especificamente, a diretora do prédio reforçou que gostaria de além de receber a exposição, que fosse feito uma palestra seguida de atividades para a semana da mulher com estudantes de ensino médio de 1º, 2º e 3º anos de um colégio estadual central que fica próximo ao prédio.

Naquela ocasião foi abordado “Relacionamentos Abusivos e a violência psicológica velada nas relações”, com a participação da curadora da exposição, Adriana Alves, que além de construir coletivamente os saberes que, por ora, foram apresentados na palestra para os estudantes.

Para a realização dessa atividade, foram adotados os seguintes métodos didáticos: 1)dividiu-se a turma de estudantes por gênero e, posteriormente, em subgrupos de cinco estudantes cada; 2)foram distribuídos alguns materiais para auxiliá-los na atividade escrita, sendo eles: réguas, cartolinas coloridas, canetas e pincéis atômicos; 3)os e as estudantes foram orientados a discutir e transcrever para a cartolina palavras, frases e relatos vivenciados e após as discussões, identificados como violências psicológicas; 4)posteriormente, agrupadas as cartolinas contendo as expressões registradas pelos e pelas estudantes, os grupos foram direcionados para uma roda de conversa; 5) foram todos e todas orientados a fechar os olhos, e somente abri-los caso se identificasse como vítima ou sujeito das ações de violência lidas pelas palestrantes. Essa dinâmica permitiu observar que ao finalizar a leitura com as expressões registradas pelos grupos, para a surpresa dos estudantes, todos

(homens e mulheres) estavam de olhos abertos. Ou seja, pode-se o quão presente se faz a violência psicológica nos espaços de socialização daqueles jovens, tanto na esfera privada, quanto pública, sendo eles vítimas ou agentes.

Percebeu-se que os estudantes do gênero masculino sentiam-se desconfortáveis quando questionados sobre a prática de tais violências simbólicas, que por vezes se fazem tão comuns e naturalizadas pela sociedade, porém reflexivos quando discutimos sobre o patriarcado e o machismo estrutural, e o quanto homens e mulheres são reféns do mesmo; em contrapartida, as estudantes do gênero feminino, com o passar do tempo sentiam-se mais confortáveis para falar sobre a maneira como se sentiam diante de tais violências que, como bem apontado pelas mesmas, majoritariamente são praticadas por outros homens. Houve grandes momentos de silêncio, mas percebemos que o mesmo estava cercado de muita reflexão, e em alguns casos, identificação com as circunstâncias mencionadas como práticas de relacionamentos abusivos. Outro ponto que merece destaque é a quantidade expressiva de jovens que estavam em algum relacionamento amoroso ou que já o tiveram, reafirmando então, a importância de discutir e refletir acerca dos relacionamentos com práticas abusivas.

Em uma das turmas houve um momento ímpar onde uma estudante começou a chorar durante a transmissão do vídeo “Não tira o batom vermelho” do canal no *YouTube* “JoutJout Prazer” que ilustra práticas abusivas praticadas por companheiros que fazem suas vítimas sentirem-se culpadas pelo “mal desempenho” da relação, gerando uma série de conflitos psíquicos na vítima por conta disso. A estudante relatou ter vivido grande parte das violências mencionadas no vídeo, e que por conta desse reconhecimento, não pode conter a emoção, enfatizou o quanto esse término deixou marcas profundas dentro de si, de modo que ela não se sentisse mais “amada nem por si mesma”. Algumas semanas depois, essa mesma estudante postou uma mensagem na página do *Facebook* da exposição relatando a experiência que teve na Biblioteca Pública Mario Lobo:

A atividade proposta foi algo totalmente diferente. São raras as pessoas que falam sobre o tema que foi abordado, e ter alguém pra conversar sobre foi algo muito importante, não só para mim, mas principalmente para todas nós meninas. Fizemos uma atividade onde tivemos que colocar frases e situações que relataram vários comentários abusivos que já ouvimos ou vivemos, aquilo fez a maioria dos alunos perceberem o quão mal algumas garotas se sentiam ao receber certos tipos de “comentários” abusivos em relação a elas ou ao seu corpo. O tema relacionamento abusivo foi extremamente importante, porque a maioria das pessoas presente na palestra tinham namorados. Serviu como uma forma de alertar e fazer as pessoas se tocarem sobre aquilo, e, assim como eu, terem como identificar que já sofreram esse tipo de abuso em um relacionamento. Além do mais, a palestra nos ajudou a superar algumas coisas, eu, por exemplo, me sentia extremamente perdida e culpada por um relacionamento abusivo que havia acabado à pouco tempo, sempre me sentia insuficiente, como se a culpa de ele agir comigo daquela forma fosse exclusivamente minha, e durante a palestra eu percebi algo que deveria ser óbvio: que a culpa de tudo não era da pessoa que sofre esse tipo de violência. Serviu como uma aprendizagem que vamos levar pra vida, porque além de amadurecer psicologicamente, aprendemos a identificar relacionamentos e práticas abusivas antes de sermos diretamente afetadas por eles e causar danos irreversíveis em

Durante a palestra e a dinâmica os professores se envolveram com a atividade de modo que em alguns momentos fizessem pequenas intervenções ilustrando como no ambiente escolar, dentro das suas particularidades, a violência psicológica acabava sendo negligenciada até mesmo pelos próprios estudantes, sem que os mesmos tivessem consciência disso em alguns casos.

Diante de tal repercussão da ação, dias depois, a Biblioteca recebeu um retorno da diretora da escola pedindo para que a mesma atividade fosse pensada em outro momento com os demais estudantes que não foram liberados, por conta de outros compromissos escolares, para estarem presentes na biblioteca durante a Semana da Mulher. Porém, por motivos que dizem respeito à debilitada estrutura do prédio, as atividades foram suspensas na Biblioteca por ora, mas deve-se ressaltar que há a intenção de retorná-las e atender à demanda da escola.

Não obstante, os cursos de Arte e Oceanografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR Litoral) enviaram convite à página para expor a mostra fotográfica em dois momentos de atividade cultural que estarão acontecendo em momentos distintos organizados de maneira autônoma pelos estudantes de ambos os cursos no mês de junho. Em ambos os casos, os estudantes que contataram a página disseram ter conhecimento da exposição por meio da divulgação feita na Casa Cultural Prelúdio pelas redes sociais.

Sendo assim, percebe-se que alguns espaços culturais e educacionais da cidade e do litoral, estão de certa forma abrindo as portas para o projeto e dando visibilidade à causa, o que motiva a pensar em outras ações que dêem continuidade ao trabalho e tragam visibilidade à violência psicológica contra a mulher.

A exposição foi apresentada em diversos eventos acadêmicos no Paraná, e recebeu duas premiações do VII Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa, e Inovação - SEPIN - do IFPR, sendo eles: 1º lugar em Direitos Humanos e Justiça e prêmio Destaque “Inclusão 2019”. Atualmente novos trabalhos estão sendo pensados de maneira a dar continuidade na pesquisa, focando meios de propor ações de extensão para compartilhar e incorporar novos conhecimentos que estão sendo construídos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Visto que algumas mulheres não puderam comparecer no dia de fazer as fotografias - e não houve oportunidade de marcar um novo encontro antes da data do evento em que a mostra fotográfica fora inaugurada - houve defasagem entre a expectativa de contemplar a máxima diversidade de mulheres possível e o resultado final. Um exemplo disso é o fato de a única mulher negra presente no dia da sessão fotográfica ter sido a própria fotógrafa, e, portanto, não foram retratadas algumas violências psicológicas que contemplam as especificidades vividas pelas mulheres

negras conforme idealizado.

Embora o convite tenha sido feito para mulheres de diversas idades e contextos sociais, percebeu-se que mais da metade das mulheres que participaram das fotografias eram estudantes e jovens, o que apontou uma possível falha metodológica para conseguir trazer para trás das câmeras essas outras mulheres que inicialmente haviam se disposto a participar do projeto.

Uma grande preocupação da exposição e também um posicionamento político, é o de trazer mulheres cis e trans para compor a mostra fotográfica, porém, infelizmente as duas mulheres trans que participariam não puderam ir e não avisaram previamente para que tentássemos adiar a sessão ou buscar uma forma de fotografá-las em outro momento antes da data de inauguração .

A experiência obtida por meio dessa ação de extensão vai servir de base para pensar em maneiras de viabilizar noutro momento outras práticas inicialmente idealizadas. Dessa forma, será feito um desdobramento do projeto com mulheres negras como protagonistas, de maneira a compartilhar, incorporar e denunciar a violência psicológica e o racismo, vista que o projeto se coloca como uma ferramenta para sensibilizar a comunidade e empoderar outras mulheres vítimas desse tipo de violência a procurar meios de denunciar, e exemplos de mulheres que ressignificam essas cicatrizes. As mulheres trans também serão foco de novas estratégias, assim como as mulheres idosas ou/e com necessidades específicas.

Uma ação de extensão tem a possibilidade e o objetivo de proporcionar a interlocução entre o espaço acadêmico e a comunidade em geral. Essa ação, além de promover esse encontro, tornou possível a materialização de uma pesquisa sobre violência de gênero, especificamente violência psicológica contra as mulheres, que, em outra situação seria meramente teórica. É preciso ir ao encontro daqueles e daquelas que terão suas vidas tocadas, representadas e, quiçá, modificadas pelos nossos estudos. Sobretudo em se tratando de gênero e violência.

É preciso também olhar para dentro e realmente compreender que toda violência contra as mulheres adentra os ambientes acadêmicos carregada por elas mesmas ou por aqueles e aquelas que também são atingidos direta ou indiretamente.

Por fim, um agradecimento à todas as mulheres que se dedicaram a construir coletivamente esse projeto

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1998.

CASCO, F. (2016). **Revista de fotografia ZUM**. Acesso em 30 de 05 de 2018, disponível em <https://revistazum.com.br/radar/forum-latino-fredi-casco/>

NAVAZ, M. (2005). **Dissertação de Mestrado** “Submissão e resistência: Explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina”. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Quando Existe Voz - EP 2 Violência Psicológica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DxygpOJ7RCU&t=36s> Acesso em: 29 jan. 2019.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-292-0

